



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS

ALICIA DA SILVA CARVALHO

AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE “UM CORPO NEGRO”, DE LUBI PRATES E O PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”

Araguaína/TO
2021

ALICIA DA SILVA CARVALHO

AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE “UM CORPO NEGRO, DE LUBI PRATES E O PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”

Monografia foi avaliada(o) e apresentada(o) à UFNT- Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras para obtenção do título de licenciatura e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dra. Eliane Cristina Testa

Araguaína/TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- C331p Carvalho, Alicia da Silva.
As possíveis relações entre "Um corpo negro", de Lubi Prates e o projeto "Negra flor de girassol". / Alicia da Silva Carvalho. – Araguaína, TO, 2021.
62 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2021.
Orientadora : Eliane Cristina Testa
1. Literatura negro-brasileira. 2. Projeto "negra flor de girassol". 3. Um corpo negro. 4. Poesia. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALICIA DA SILVA CARVALHO

**AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE “UM CORPO NEGRO”, DE
LUBI PRATES E O PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”**

Monografia foi avaliada(o) e apresentada(o) à
UFNT – Universidade Federal do Norte do
Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína,
Curso de Letras para obtenção do título de
licenciatura e aprovada (o) em sua forma final
pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 01 / 10 / 2021

Banca Examinadora

Eliane Testa

Profa. Dra. Eliane Cristina Testa, UFNT (Orientadora)

P/ Eliane Testa

Profa. Dra. Kenia Gonçalves Costa, UFNT/Geografia

P/ Eliane Testa

Prof. Ms. Leomar Alves de Sousa, PPGL-UFNT/SEDUC

Araguaína, 2021

*Para àquelas e àqueles que acreditam e lutam
contra o colonialismo que ainda
persiste em estruturar nossa sociedade.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo incentivo desde a infância à leitura e à imaginação, e por terem me inspirado a acreditar que a educação é o único caminho de se tornar um ser humano capaz de lutar pelas causas que acredita e se despir das armadilhas que a ignorância pode criar em nós.

Agradeço à minha orientadora a professora Dra. Eliane Cristina Testa, pela paciência que teve comigo, pelo incentivo e pela indicação de um material riquíssimo para eu poder desenvolver minha pesquisa.

Agradeço a todas as colegas e todos os colegas que me fizeram perceber a importância do que é estender a mão a quem precisa ou se sente só, em algum momento. Aos colegas que por muito tempo me acompanharam nas jornadas e nos desafios à minha construção docente.

Agradeço a todas as professoras e professores pela construção dos saberes durante este tempo de formação.

Agradeço pela oportunidade que a Universidade Federal do Norte do Tocantins me proporcionou na formação do Curso de Letras.

RESUMO

Este trabalho propõe discutir as possíveis relações entre a obra poética “Um corpo negro”, (2019), de Lubi Prates e o projeto “Negra flor de girassol” (iniciado em 2016 segue até o presente momento), desenvolvido em uma escola da rede pública estadual de ensino na cidade de Araguaína – TO. Metodologicamente, é um estudo qualitativo, bibliográfico e de viés documental. Como fundamentação teórica selecionou-se as seguintes autoras e um autor: Ribeiro (2017, 2019), para abordar o conceito de lugar de fala e o de feminismo negro; Berth (2019), para acionar o conceito de empoderamento, Gomes (2017), para discutir o Movimento Negro Educador; Kilomba (2019), para definir o racismo cotidiano e; Cuti (2010) com a definição de literatura negro-brasileira. Este estudo convoca a partir das abordagens teóricas a uma reflexão dos possíveis caminhos na luta contra o racismo, que ocorrem em diferentes espaços sociais, a pensar o lugar de fala das mulheres negras e a compreender a relevância da literatura negro-brasileira, em especial, a poesia. Como alguns resultados apontamos que o Projeto “Negra flor de girassol” e o livro “Um corpo negro”, de Lubi Prates se conectam na luta pela existência do corpo da mulher negra, como enunciador de suas vivências e do fortalecimento da identidade étnico-racial.

Palavras-chave: Um Corpo Negro. Lubi Prates. Projeto Flor de Girassol. Poesia.

ABSTRACT

This paper proposes to discuss the possible relationships between the poetic work “Um corpo negro” (2019), by Lubi Prates and the project “Negra flor de sunflower” (started in 2016 and continues until the present moment), developed in a school in the network. public education system in the city of Araguaína – TO. Methodologically, it is a qualitative, bibliographic and documentary study. As theoretical foundation, the following authors and one author were selected: Ribeiro (2017, 2019), to address the concept of place of speech and that of black feminism; Berth (2019), to trigger the concept of empowerment, Gomes (2017), to discuss the Black Educator Movement; Kilomba (2019), to define everyday racism and; Cuti (2010) with the definition of black-Brazilian literature. Based on theoretical approaches, this study calls for a reflection on possible paths in the fight against racism, which occur in different social spaces, to think about the place of speech of black women and to understand the relevance of black-Brazilian literature, in particular, the poetry. As some results, we point out that the Project “Negra flor de sunflower” and the book “Um corpo negro” by Lubi Prates are connected in the struggle for the existence of the black woman's body, as an enunciator of their experiences and the strengthening of the ethnic-racial identity.

Keywords: A Black Body. Lubi Silvers. Sunflower Flower Project. Poetry.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
COVID-19	Doença do Coronavírus
LDLP	Livro Didático de Língua Portuguesa
PPP	Projeto Político-Pedagógico
UE	Unidade Escolar

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2	ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS	13
2.1	Pesquisa Documental.....	13
2.2	Pesquisa Bibliográfica	14
2.3	Pesquisa Qualitativa	14
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1	Djamila Ribeiro: lugar de fala e o feminismo negro	15
3.2	Luiz Silva Cuti: literatura negro-brasileira.....	17
3.3	Joice Berth: o empoderamento	18
3.4	Nilma Lino Gomes: o movimento negro educador	23
3.5	Grada Kilomba: memórias da plantação, episódios de racismo cotidiano .	24
4	UMA LEITURA CRÍTICO-ANALÍTICA DAS POSSÍVEIS RELAÇÕES EN- TRE “UM CORPO NEGRO”, DE LUBI PRATES E O PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS	43
	ANEXOS	44

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A luta pelos direitos das mulheres ainda gera diversas reações na sociedade, alguns acreditam que as mulheres já conquistaram o suficiente e desconsideram os movimentos feministas, como uma luta contínua e necessária. É necessário lembrar que existem diferentes feminismos, desse modo, podemos falar em feminismos plurais. Dentro dessa perspectiva plural, o foco deste estudo está centrado no feminismo negro, que pode se diferenciar de outros feminismos por apresentar questões específicas às mulheres negras.

Para as mulheres negras o percurso da “conquista” de espaço social é maior ainda, uma vez que “[...] existe um olhar colonizador sobre *seus* corpos, saberes, produções [...]” (RIBEIRO, 2017, p. 35). Por isso, é necessário descolonizar ideias sobre o corpo negro, sobre diferentes pensamentos e/ou crenças racistas, muitos pautados em pensamentos eurocêtricos, e buscar meios de valorizar as produções (sejam de natureza científica ou artística), os conhecimentos, os saberes, os corpos de pessoas negras.

À vista disto, esta pesquisa tem como objetivo principal propor possíveis relações entre a obra poética “Um corpo negro”¹ (publicado pela primeira vez em 2018) (anexo A), de Lubi Prates e o projeto “Negra flor de girassol” (iniciado em 2016 vigente até o momento presente) (anexo C), desenvolvido em uma escola da rede pública estadual de ensino na cidade de Araguaína – TO. Para tal intento é proposto uma leitura crítico-analítica da obra de Prates (2019) e do referido projeto, que tem como foco combater o racismo, emancipar os corpos negros pela educação escolar e levar jovens negras e negros a aceitação do seu corpo e do seu cabelo.

Por isso, o projeto “Negra flor de girassol” (2016) representa um fortalecimento a favor da emancipação da identidade étnico-racial da(o)s estudantes negros de uma escola pública da cidade de Araguaína -TO. Além disso, destaca-se que o projeto *corpus* desta investigação foi desenvolvido por meio de atividades, de leituras e de discussões pautadas no protagonismo negro.

Metodologicamente este estudo é qualitativo, bibliográfico e documental. De acordo com Antonio Carlos Gil, em seu livro “Como elaborar projetos de pesquisa”² (publicado pela primeira vez em 1987), a pesquisa bibliográfica, que “[...] é desenvolvida com base em

¹ Adotamos a edição de 2019.

² Adotamos a edição de 2002.

material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Ou seja, aquilo que é pautado em produções já publicadas e/ou analisadas sobre um determinado assunto ou tema. Já a pesquisa documental, segundo Gil (2002), é a pesquisa documental “[...] vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p47), são documentos ricos em dados a serem analisados. A pesquisa qualitativa, segundo Gil (2002), “[...] sobretudo naquelas em que não se dispõe previamente de um modelo teórico de análise, costuma-se verificar um vaivém entre observação, reflexão e interpretação à medida que a análise progride” (GIL, 2002, p. 90), é o que faz com que o resultado seja mais completo e complexo.

Como fundamentação teórica utilizou-se as seguintes autoras: Djamila Ribeiro, com as obras “O que é lugar de fala?” (2017) e “Quem tem medo do feminismo negro?” (2019), que traz contribuições com o conceito de “lugar de fala”. Joice Berth, com a obra “Empoderamento” (2019), que conceitua a ideia de empoderamento. Nilma Lino Gomes, com a obra “Movimento Negro Educador”, que relaciona a importância dos movimentos sociais negros e da educação. Grada Kilomba, com a obra “Memórias na plantação: episódios de racismo cotidiano” (2019), que aborda o racismo e seus funcionamentos na sociedade.

Este trabalho está organizado em três capítulos. O capítulo 2 “Itinerários metodológicos” e os subcapítulos 2.1 pesquisa documental; 2.2 pesquisa bibliográfica; 2.3 pesquisa qualitativa, apresentam uma abordagem dos caminhos adotados para desenvolver este estudo.

O Capítulo 3 Fundamentação Teórica e os subcapítulos 3.1. Djamila Ribeiro; 3.2 Luiz Silva Cuti; 3.3 Joice Berth; 3.4 Nilma Lino Gomes; 3.5 Grada Kilomba. O capítulo em questão apresentará o arcabouço teórico de cada escritora (or) com seus respectivos conceitos e abordagens.

O Capítulo 4 “As possíveis relações entre “Um corpo negro” (2019), de Prates (2019) e o projeto “Negras flor de girassol” (2016): uma proposta de leitura crítico-analítica”, que fará as possíveis relações entre o projeto e o livro, discutindo e analisando os pontos a serem destacados de acordo com as possíveis relações.

2 ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é qualitativo, bibliográfica e apresenta uma abordagem de pesquisa documental. Para desenvolver este estudo ressalta-se a importância da “aproximação do significado da ciência como construção do conhecimento” (SEVERINO, 2007, p. 99). Por isso, ciência é conhecimento e essa:

se constitui aplicando técnicas, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos. Tem assim elementos gerais que são comuns a todos os processos de conhecimento que pretenda realizar, marcando toda atividade de pesquisa (SEVERINO, 2007, p.117).

Por isso, o processo do conhecimento acontece a partir de procedimentos metodológicos específicos com a finalidade da pesquisa, que neste estudo é enfatizar as possíveis relações entre o livro de poesia “Um corpo Negro” (2019), de Prates (2019) e o projeto “Negra flor de girassol” (2016), discutindo as relações do corpo negro de mulheres e suas implicações em uma sociedade com problemas de racismo estrutural.

2.1. Pesquisa Documental

A pesquisa documental é feita tendo como “fonte documentos no sentido amplo” (SEVERINO, 2007, p.122), estes documentos ou arquivos de pesquisas podem ser impressos, como, por exemplo, o Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP), ou Projeto Político-pedagógico (PPP) de escolas, podendo (ou não) incluir documentos, como fotos, jornais, gravações, filmes, documentos legais, entre outros, “nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise” (SEVERINO, 2007, p.123).

Desse modo, a pesquisa documental é a abordagem exploratória do projeto “Negra flor de girassol” (2016) de uma escola da rede pública de Araguaína - TO. Esse projeto foi desenvolvido e realizado por uma professora pedagoga do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola campo da pesquisa, sendo trabalhado o ano de 2016 e não é algo somente realizado no dia 20 de novembro, dia da consciência negra.

2.2. Pesquisa Bibliográfica

Em relação à pesquisa bibliográfica utilizam-se dados, ideias ou conceitos já postulados por pesquisadoras e/ou estudiosas. Entende-se por pesquisa bibliográfica “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc.” (SEVERINO, 2007, p.122). O objetivo é colocar as/os pesquisadoras em contato direto com todo material escrito sobre o assunto da pesquisa.

Sendo por isso que esta pesquisa utilizará da revisão da literatura já publicada, tanto para comprovar/reiterar ideias ou (caso se faça necessário) refutar alguns argumentos. Visibilizar e problematizar este assunto propõe um olhar diferente ao que é escolhido e legitimado na sala de aula, pois escritoras “[...] mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade que produz essa desigualdade, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo” (RIBEIRO, 2017, p.41).

2.3 Pesquisa Qualitativa

A pesquisa de cunho qualitativo surgiu na tentativa de preencher as lacunas deixadas pelas pesquisas quantitativas. Ao realizar pesquisas que lidavam com a subjetividade humana, os cientistas perceberam a ineficácia de métodos experimental-matemáticos (quantitativo). Tatiana Gerhardt e Denise Silveira (2009), ao organizar um livro intitulado por “Métodos de Pesquisa” (2009), publicado pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), conseguem relacionar de forma consistente o que é a pesquisa qualitativa. Veja-se, a seguir, o que dizem as referidas autoras:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (GERHART; SILVEIRA, 2009, p. 31).

Paulo Freire (1989) também enfatiza a importância de preservar a concepção de vincular a linguagem à realidade o indivíduo. Logo, ter contato com a “literatura negro-brasileira” (CUTI, 2010) de autoras mulheres negras é comunicar-se com outras realidades,

com vivências que também ocupam e fazem parte do espaço escolar, e que diversas vezes são silenciadas.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos as autoras que contribuem na fundamentação teórica deste estudo, sendo elas: Djamila Ribeiro (2017, 2019), Luiz Silva Cuti (2010), Joice Berth (2019), Nilma Lino Gomes (2017) e Grada Kilomba (2019).

3.1 Djamila Ribeiro: lugar de fala e o feminismo negro

As vozes das mulheres desde antes o período escravocrata foram silenciadas ou violentamente reprimidas, essas repressões reverberam numa invisibilidade da escrita literária de mulheres negras. Sabe-se que quem possui maior privilégio social, conseqüentemente, acaba por dominar o privilégio epistêmico também. Ribeiro (2017) defende o seguinte:

A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento (RIBEIRO, 2017, p. 24-25).

Em consonância com Gonzalez, Djamila (2017) expõe a legitimação do conhecimento eurocêntrico, o que reforça a hierarquização do conhecimento e de sua construção. A partir destas reflexões vê-se uma questão importantíssima sobre “quem pode falar ou não, quais vozes são legitimadas e quais não são” (RIBEIRO, 2017, p. 25). Nesse sentido, a literatura também é um lugar social, de privilégio e de espaço de poder, e que conseguiu abrir espaço para os “não silenciamentos” das vozes. Portanto, a literatura escrita por mulheres negras legitima seu espaço social ou os seus meios de transcendência social.

Neste contexto, esta pesquisa fundamenta-se na necessidade de averiguar como chegam estas vozes ou (con)vivências com as escritoras negras brasileiras na escola. Além disso, esta literatura de autoras negras remete a outra realidade diferente da que se tem no cânone literário, a qual nos é imposto desde os primórdios da produção literária no Brasil.

Então, precisa-se possibilitar ver o outro (questão de alteridade) em escritos diversos de autoras negras. Tatiana Bernardes, Zâmbia Santos e Eliane Debus (2018), em um artigo intitulado “A Representação de mulheres negras na Literatura afro-brasileira: uma leitura de “a escrava”, de Maria Firmina dos Reis e “minha mãe”, de Luis Gama” (2018), explicitam e

defendem a necessidade de dar visibilidade a literatura negro-brasileira. Veja-se o que comentam as autoras, a seguir:

[a] escolha por visibilizar representações de mulheres negras ocorre por compreendermos que há um papel fundamental das estruturas sociais e conjunturas históricas na constituição das representações, já que as ideias que fundamentam percepções sobre as coisas, as pessoas ou os processos são produzidas socialmente. As coletividades produzem representações, algumas se traduzem em homogeneidade de pensamentos, outras escapolem do lugar comum e renovam a possibilidade de ver o Outro (BERNARDES; SANTOS; DEBUS, 2018, p.120).

Ao ter a possibilidade de ver os outros com outros olhos ocorre a ruptura com a visão unilateral, o que possibilita a inclusão destas mulheres que são silenciadas diariamente. Por isso, que “é imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão. **É um convite para o mundo no qual diferenças não significam desigualdade**” (RIBEIRO, 2018, p. 27 [grifo nosso]). E, pensar um mundo pela diferença, é reavaliar nossos conhecimentos e os novos modos epistêmicos de educação, que se constroem com a descolonização do pensamento.

Ainda como salienta Ribeiro (2018), vê-se como é necessário valorizar a literatura negro-brasileira, que apesar das barreiras enfrentadas se apresenta, como uma riqueza literária e de resistência. Ribeiro (2018) contribui com o nosso trabalho por nos trazer questões fundamentais sobre o feminismo negro, principalmente, por traçar um panorama histórico-social implicado em lutas e resistências. Também é Ribeiro (2018), que alerta para as múltiplas opressões que acontecem na vida cotidiana de mulheres negras, assim, essa autora aponta que este grupo social sofre com a marginalização e os silenciamentos de várias ordens.

Além disso, é Ribeiro (2017) nos ajuda a compreender a importância da luta de mulheres negras, já que a “reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (RIBEIRO, 2017, p.43). E esses modos de vida irão refletir na escola também.

Ademais, Ribeiro (2017) responde à pergunta central do título do livro “O que é lugar de fala?” (2019) destacando que “[...] o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. [...] Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência” (RIBEIRO, 2017, p. 63-64). Sendo assim, Ribeiro (2017) conceitua lugar de fala como: “o lugar social que as mulheres negras ocupam” na sociedade (RIBEIRO, 2017, p. 55). Por isso, o lugar social ocupado por cada pessoa individualiza experiências e perspectivas, isto é, faz com que as pessoas tenham experiências e vivências distintas.

Além disso, Ribeiro (2017) conceitua o feminismo negro, como forma de rompimento das desigualdades e evidenciar as produções intelectuais de mulheres negras. A seguir, cita-se um comentário de Ribeiro (2017):

romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente, vêm pensando em resistências e reexistências (RIBEIRO, 2017, p.9).

Nesse sentido, como assevera a autora, pensar na ruptura e posteriormente na visibilidade de produções literárias de mulheres negras é reconhecer sua (re)existência das mulheres negras e valorizar as suas experiências, como sujeito ativo e empoderado na sociedade.

3.2 Luiz Silva Cuti: literatura negro-brasileira

Fazendo um recorte do livro “Literatura negro-brasileira” (2010) do autor Luiz Silva, cujo pseudônimo é Cuti, tem-se a abordagem do conceito de literatura negro-brasileira, diferenciando-a do termo literatura-afro:

A literatura negro-brasileira nasce na e da produção negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branca que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro”. (CUTI, 2010, p. 44-45).

Cuti (2010) salienta que a literatura negro-brasileira não surge na África como a literatura afro, pois ambas têm interesses diferentes, uma vez que a literatura negra, por exemplo, busca o combate ao racismo que é um dos obstáculos a serem superados. Ainda, a literatura negro-brasileira não se relaciona a literatura afro no que diz respeito ao seu *corpus*. Pois, como Cuti (2010) expõe: “Os negro-africanos que no Brasil chegaram escravizados não trouxeram em sua bagagem nenhum romance, livro de contos ou de poesia que pudessem ter servido de base para a continuidade de uma literatura afro no Brasil” (CUTI, 2010, p. 45), nesse sentido, o que prevalece é uma literatura oral, além de costumes, culinária, etc.

Por isso se torna incoerente nomear a literatura negro-brasileira de afro, visto que ambas surgem de origens e referências diferentes. A literatura negro-brasileira sendo desenvolvida na contemporaneidade, uma área recente de estudo, tem como um dos seus principais propósitos resistência e conquista do espaço que histórico-socialmente foi lhe negado; voltando-se para discussões sobre o espaço literário e social que o negro ocupa.

3.3. Joice Berth: o empoderamento

Ao escrever a obra “Empoderamento (2019)”, Joice Berth apresenta o conceito de empoderamento, principalmente, a partir de reflexões teóricas e de escritos de intelectuais negras/negros acerca do tema. Antes de discutir o conceito de empoderamento, Berth (2019) ressalta a importância de explicar sobre que tipo de poder será abordado na obra. O conceito de poder posto por Berth (2019) relaciona-se ao defendido por Hannah Arendt (2001), autora que define o poder como:

a habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em conjunto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido. Quando dizemos que alguém está “no poder”, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome (ARENDRT apud Berth, 2001, p.36).

Assim, a partir de Arendt citada por Berth (2001), é possível compreender o termo “poder”, como um ato coletivo ou uma ação coletiva, no qual indivíduos dão poder a alguém que representa um determinado grupo. As relações de poder estão em toda a sociedade, desde os grandes grupos sociais aos minoritários, os quais lutam por uma causa ou pela permanência do *status quo*, estado atual de alguma coisa. Deste modo, entende-se poder, como prática social disseminado e construído historicamente.

O desenvolvimento do poder individual e coletivo a partir do empoderamento leva a autoaceitação das raízes ancestrais e da cultura que o rodeia. É por meio do empoderamento que o indivíduo se munirá de informações para entender a si mesmo e o que acontece ao seu redor. Esse processo de criticidade só é possível, como afirma Berth (2019) por meio da:

autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política (BERTH, 2019, p. 21).

Sendo assim, a autora discorre a respeito da dificuldade do ser humano em perceber-se oprimido estando inserido num sistema opressivo, pois, o oprimido tende a se identificar com

opressor na busca pela ascensão individual e social. Logo, o empoderamento busca a ruptura com essas relações de poder opressivas, como assevera ainda Berth (2019):

O empoderamento que seguimos neste trabalho não visa retirar poder de um para dar a outro a ponto de se inverter os polos de opressão, e sim de uma postura de enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedade (BERTH, 2019, p. 23).

Dessa maneira, o empoderamento busca romper com as relações de opressão que atrasam a emancipação política e social do ser humano, dentro e fora dos grupos minoritários. Esse rompimento começa a partir de mudanças internas tomando consciência do sistema e de estigmas que marginalizam pessoas negras, principalmente, as mulheres excluindo-as de diversos cenários na sociedade. Portanto, é necessário entender de que tipo de poder a autora se refere em sua obra, para posteriormente, avistar caminhos e estratégias de enfrentamento às práticas internalizadas de dominação do sistema racista.

O termo empoderamento surgiu a partir da palavra *power*, que “é um substantivo da língua inglesa que significa basicamente habilidade ou permissão para que alguém realize alguma coisa” (BERTH, 2019, p. 28). Ainda, Berth discute o conceito da palavra *empower*, que significa empoderamento:

a palavra *empower*, que de acordo com o *Merriam-Webster Dictionary*, um dos mais confiáveis dicionários online da América e que pertence à marca homônima, já conhecida no mercado editorial, foi usada pela primeira vez em 1951, surgiu de uma adaptação específica do próprio idioma inglês chamado *verbing*, que consiste em transformar um substantivo em verbo. Logo, o significado de *empower* é dar poder ou habilidade a algo ou a alguém (BERTH, 2019, p. 28).

Nesse sentido, a palavra empoderamento significa dar poder a alguém ou um determinado grupo. Berth (2019) vai ainda mais fundo a respeito do termo e diz que “a palavra *empowerment*, termo cunhado pelo sociólogo estadunidense Julian Rappaport em 1977, tem o seguinte significado: ‘o processo de ganhar liberdade e poder para fazer o que você quer ou controlar o que acontece com você’” (BERTH, 2019, p. 29). O conceito elaborado por Rappaport se encaixa perfeitamente na definição de poder definida no dicionário Merriam-Webster Dictionary, e Berth (2019) interpreta a ação de dar poder e autonomia a alguém ou grupo social, como forma de libertação das classes oprimidas na sociedade.

Berth (2019) também aponta as diversas literaturas relacionadas à Teoria da Conscientização Crítica (1960) proposta por Paulo Freire, educador brasileiro reconhecido mundialmente. Sabe-se que Freire se dedicou a estudar e pesquisar formas de conscientizar os

grupos oprimidos e agir em prol da sua própria libertação. Diferente de Rappaport, Freire acredita que os próprios grupos oprimidos devem empoderar-se: “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1968, p. 97). À vista disso, a teoria freiriana objetiva que os próprios grupos oprimidos devem empoderar-se fundamentados na tomada de consciência crítica. A conscientização se constitui a partir do social e do coletivo.

Além disso, no processo de conceituar empoderamento, Berth (2019) cita as contribuições de Barbara Bryant Solomon, intelectual negra e assistente social conhecida internacionalmente, que relaciona a imagem negativa a qual os negros são retratados e os impactos disso nesses grupos constantemente diminuídos:

Os efeitos das imagens negativas do negro são traçados em como eles operam grandes instituições sociais, como a família, grupos de pares e escolas. Esses efeitos estão ligados ao surgimento de problemas pessoais e sociais característicos encontrados em comunidades negras. Seguindo uma discussão anterior, o empoderamento é definido como um processo pelo qual a autodireção e o processo de ajuda são forças de cura e fortalecimento entre a população negra (SOLOMON apud BERTH, 1976, p. 27).

Assim, existe todo um processo de autodirecionar as forças do empoderamento da população negra, que conseqüentemente fortalecem negras e negros. No livro de Berth (2019), vê-se que Solomon foi umas das primeiras pensadoras a colocar a teoria do empoderamento em prática a partir de seus projetos sociais desenvolvidos nas comunidades negras.

Daí a importância de se considerar o contexto sócio-histórico das comunidades negras, como forma de pensar a realidade dos grupos sociais que podem produzir mecanismos de emancipação social. Em relação a esse fato, Berth (2019) chega à conclusão de que:

[e]mpoderamento como teoria está estritamente ligado ao trabalho social de desenvolvimento estratégico e recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimados pelos sistemas de opressão, e visa principalmente a libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação, incluindo emancipação intelectual (BERTH, 2019, p. 46).

Desse modo, a autora alinha-se às concepções de Solomon quanto às práticas dos serviços sociais interligado ao processo de emancipação das comunidades oprimidas, defendendo a libertação social, e principalmente, a emancipação intelectual.

Desta maneira, desconstruir-se individualmente sem romper com a lógica sexista e racista de um grupo opressivo, expressa a superficialidade com que é abordada a Teoria do Empoderamento. Pensar o empoderamento é pensar também as lutas antissexistas,

antirracistas e anticapitalistas. Entender a relação indissociável entre o empoderamento individual e coletivo é perceber a importância de se ter indivíduos empoderados numa sociedade para que a coletividade seja empoderada, como defende Berth (2019):

a coletividade é o resultado que apresentam algum – ou alguns – elemento em comum, é intrínseco que estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação de consciência do seu eu social, se suas implicações e agravantes (BERTH, 2019, p. 52).

Desse modo, o empoderamento é resultado de indivíduos que se reconstruem e desconstroem constantemente na sociedade, resultando em uma coletividade empoderada a partir de um processo gradual. Compreender a Teoria do Empoderamento é entender a necessidade das rupturas na sociedade e de quem a integra, isto é, tanto coletiva quanto individual; partindo para uma revisão das estruturas sociais, que como salienta Berth (2019), “foram articuladas para serem hierarquizantes à custa da escassez de grupos situados na base” (BERTH, 2019, p. 53).

Para que ocorra a conscientização coletiva, Berth (2019) apresenta algumas barreiras estruturais a serem vencidas, como por exemplo, o conhecimento mercantilizado na educação a partir das políticas públicas que silenciam as comunidades oprimidas, principalmente, as comunidades negras. Sobre isso, Berth (2019) assevera: “observamos até dias de hoje uma indisposição institucional, midiática e política para a reflexão crítica. Em consequência, as teorias por aqui se perdem facilmente em meio a um emaranhado de superficialidades” (BERTH, 2019, p. 56).

Ainda pautando-se em Berth (2019) há um trajeto a partir da etimologia da palavra “estética”, que vem do grego *aisthesis* (significa sensação ou percepção). A autora explica que a percepção do que é belo pode ser manipulado o que gera a criação de grupos que não são aceitos e outros aceitos de acordo com o que é ditado pelos padrões produzidos pelas sociedades patriarcais e opressoras. Para Berth (2019):

o belo é uma percepção e como percepção pode ser alterada, manipulada ou influenciada. E isso tem acontecido ao longo da história. Os conceitos estéticos acerca do belo têm mudado de acordo com os valores e intenções da época [...] temos, então, nesse campo, um elemento importante nos processos de dominação de grupos historicamente oprimidos, pois, uma vez que se criam padrões estéticos pautados pela hierarquização das raças ou de gênero, concomitantemente criamos dois grupos: o que é aceito e o que não é aceito e, portanto deve ser excluído para garantir a prevalência do que é socialmente desejado (BERTH, 2019, p. 113).

Nesse contexto, a autora expõe o impacto que os valores atribuídos à estética geram visto que a manipulação do que é belo vem sendo realizada de forma histórica através dos

estereótipos engendrados pelos grupos dominantes. Ainda, com a separação entre o que é belo ou não, Berth (2019) aponta para a distorção do sentido do belo imposto às pessoas negras. Como as pessoas negras veem de si mesma enquanto não brancos, porque existe uma alienação do conceito de belo para as pessoas negras podendo ser disseminada de geração em geração.

Nesta perspectiva, o peso sofrido pelas mulheres negras com seus cabelos no decorrer de seu desenvolvimento pessoal se mescla com os sinais de fenótipos e da aparência física impactando a identidade e o emocional. Mesmo que as mulheres negras tentem alisar seus cabelos (na busca inconsciente ou não de se parecerem com a mulher branca), os preconceitos raciais e a não aceitação do outro estarão presentes devido aos estereótipos enraizados em uma sociedade estruturalmente racista como a nossa.

A resignificação transcende o campo da estética, partindo para o fortalecimento contínuo da admiração dessas pessoas por si próprias, reconhecer e aceitar a si mesmo, segundo Berth (2019):

não é possível passar por um processo de empoderamento produtivo se não nos fortalecermos e nos encontrarmos dentro de nossa própria pele. Sem um trabalho contínuo para erradicar do lugar naturalizado na sociedade a crença de que pessoas negras são inadequadas, desprovidas de harmonia e beleza física, fica extremamente difícil para esses sujeitos, atingidos diretamente por essa ideologia do padrão branco como única forma aceitável, criar mecanismo interiores de autoamor e autovalorização (BERTH, 2019, p. 120-121).

Dessa maneira, a autora defende o quão essencial é olhar-se diferente do olhar do colonizador. Esse processo ocorre de forma lenta e gradual desfazendo a alienação imposta quanto à ausência de beleza nas pessoas não brancas. Além disso, Berth (2019) sinaliza a importância da representatividade nas esferas sociais e institucionais como contribuição a disseminação da imagem positiva das pessoas negras, já que ver-se nos diferentes espaços desperta compreensão de que sua imagem também é positiva, de acordo com Berth (2019), “precisamos nos ver de forma positiva, literalmente, pois essas imagens vão resignificar o imaginário que será abalado e simultaneamente reconstruído” (BERTH, 2019, p. 124).

Berth (2019) é uma autora importante fulcral neste estudo, pois ela reforça a necessidade de se manter os conceitos já estabelecidos por outras autoras e ampliados para afastar esse termo das ilusórias significações que esvaziam as discussões sobre empoderamento negro. Assim, da obra de Berth (2019) destaca-se a necessidade do fortalecimento financeiro da comunidade negra, do valor estético do corpo negro, das afetividades das causas negras e de como as políticas públicas podem auxiliar na

autovalorização de mulheres e homens negros. Possibilitar oportunidades às pessoas negras é um modo de transformação dentro das esferas individuais e coletivas que é o empoderamento.

3.4 Nilma Lino Gomes: o movimento negro educador

Neste trabalho, a luta do movimento negro é exposta também nas epistemologias desenvolvidas por importantes pensadoras negras. Nilma Lino Gomes conduz seus estudos a partir dos questionamentos sobre o que é a pedagogia e as práticas pedagógicas. Esses temas estão no bojo das discussões do seu livro “O movimento negro educador” (2017). Assim, Gomes (2017) propõe contribuir com a formação de professoras e professores em favor da educação mais democrática e heterogênea.

Na compreensão do papel do movimento negro brasileiro, o educador se torna o tema central de abordagem de Gomes (2017), como afirma a autora “O Movimento Negro é um educador” (GOMES, 2017, p. 13), é por meio desse movimento que os diversos espaços educativos podem engendrar uma emancipação social daqueles inseridos no processo da educação. Gomes (2017) salienta que o movimento negro colocou em pautas discussões sobre questões raciais e africanas, como o racismo, saúde do povo negro, desigualdade racial, educação das relações afro-brasileiras, entre outros. Vejamos o que defende Gomes (2017):

Uma coisa é certa: se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas mais diversas formas de expressão e de organização – como todas as tensões, os desafios e os limites -, muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória não teria sido construído. E nem as políticas de promoção da igualdade racial teriam sido construídas e implementadas (GOMES2017, p. 18-19).

Nesse sentido, o movimento negro traz contribuições fundamentais sobre as relações raciais. Além disso, esse movimento ajuda a construir estratégias de conhecimentos elaborados a partir da própria população negra. Por exemplo, tem-se em prol da educação negra no Brasil: O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2009); Lei 10.639/03 modificada pela Lei 11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

Assim, vê-se como o movimento negro educador contribui para o enriquecimento da sociedade brasileira sobre as questões raciais. Gomes (2017) propõe duas abordagens em seu livro: a pedagogia e a epistemologia. Por isso, a autora faz um resgate do processo histórico

pelo viés da educação. Boaventura de Sousa Santos (2004) citado por Gomes (2017) vai falar da “sociologia das ausências e sociologia das emergências”; a primeira consiste na denúncia do silenciamento daqueles e daquilo que foram/foi determinado como inexistente; já o segundo termo equivale na concretização de novos conhecimentos que conduzam sempre a emancipação social. Assim, Gomes (2017) adota os termos de Santos (2004), para desenvolver o protagonismo do movimento negro no processo educativo e social.

Este protagonismo negro é verificado no processo histórico de resistência e de luta deste povo, que se empenhou contra as violências do colonialismo³. Acerca da lógica colonialista das instituições, principalmente, da escola com os seus currículos de privilégios hegemônicos e regulado pelo mercado, Gomes (2017) afirma o seguinte:

Os projetos, os currículos e as políticas educacionais têm dificuldades de reconhecer esses e outros saberes produzidos pelos movimentos sociais, pelos setores populares e pelos grupos sociais não hegemônicos. No contexto atual da educação, regulada pelo mercado e pela racionalidade científico-instrumental, esses foram transformados em não existência; ou seja, ausências (GOMES, 2017, p. 42-43).

Dessa maneira, a autora reforça a ideia de “ausências”. Por isso, temos uma colonização dos currículos escolares, conseqüentemente, formas de silenciamentos dos saberes relativos à diversidade racial. Assim, questões importantes poderiam ser postas: 1- Que lugares a diversidade racial tem ocupado nas escolas ou nos currículos escolares? 2- Como é possível educar em uma sociedade marcada pelo colonialismo, racismo e machismo? Todas as respostas possíveis passam por meio de transformações de políticas públicas, como mecanismo de mudança no âmbito escolar. Por isso, Gomes (2017) nos apresenta questões fundamentais para se pensar o processo de descolonização dos currículos escolares. No entanto, esses e outros são desafios a serem vencidos pelo Estado e conduzidos pelo movimento negro educador.

3.5 Grada Kilomba: memórias da plantação, episódios de racismo cotidiano

A obra de Grada Kilomba, “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”, lançada originalmente em inglês em 2008 foi traduzida para o português em 2019, reúne um

³ O colonialismo é uma prática na qual um território exerce domínio político, cultural ou religioso sobre um determinado povo. O controle é exercido por meio de uma potência ou força política militar externa que deseja explorar, manter ou expandir seu território. Tem-se como exemplo a dominação portuguesa no Brasil, assim como a colonização da África.

conjunto de episódios cotidianos de racismo, de políticas do corpo, de políticas do cabelo etc. Além disso, Kilomba (2019) conceitua o racismo em seus diferentes âmbitos, problematiza e expõe a “normalidade” do racismo e da violência gerada por meio de um círculo de perpetuação do racismo.

Kilomba (2019) defende a ideia de que escrever é um ato político, uma vez que ela conta sua própria história saindo da posição de “Outra” (Outridade) e tornando-se “*sujeito* da sua própria história: “não sou *objeto*, mas o *sujeito*. Eu sou quem escreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever portando emerge como ato político”. (KILOMBA, 2019, p.27-28).

Kilomba (2019) afirma que o seu livro é dedicado a opor-se ao lugar de Outridade e reinvenção de si mesmo, como sujeitos novos ao que se refere aos apontamentos racistas feitos no cotidiano. Nesse sentido, a autora aponta que não se pode somente se opor ao racismo, é importante tornar-se sujeito das suas vivências. Kilomba (2019) relaciona o racismo cotidiano dentro da realidade psicológica a partir de relatos subjetivos de mulheres negras.

A partir das narrativas das mulheres negras é possível compreender o silenciamento histórico, que é perpetuado até os dias de hoje, por meio do racismo. A exemplo disso, Kilomba (2019) relembra as “máscaras de silenciamento”, que eram utilizadas para o controle dos escravos e escravas nas plantações de canaviais para que não comessem cana-de-açúcar durante o trabalho. Não apenas havia o impedimento de alimentar-se, mas também da fala, era uma forma de tortura e de silenciamento.

Nesta perspectiva, o racismo constrói-se com uma falsa ideia de que é algo superficial e fácil de ser desfeito. Kilomba (2019) define o racismo em três aspectos: primeiro: a construção da diferença; segundo: valores hierárquicos; terceiro: poder e preconceito. No primeiro, o sujeito branco define que as pessoas negras são diferentes por sua origem racial. Assim, Kilomba (2019) questiona o sentido de quem é diferente de quem, e quem seria o ponto de referência para esta comparação: “‘quem é diferente de quem?’ É o *sujeito negro* ‘diferente’ do *sujeito branco* ou o contrário, é o *branco* ‘diferente’ do *negro*? Só se torna ‘diferente’ porque se ‘difere’ de um grupo que tem poder de se definir como norma – a norma *branca*” (KILOMBA, 2019, p.75).

Seguindo a ideia da “diferença”, Kilomba (2019) também questiona quem é diferente de quem, há a legitimação de um determinado grupo que se torna a norma do que é aceito ou não aceito. Então, o racismo configura-se a partir dessa perspectiva de se criar uma diferença; visto isso, só se torna “diferente” àquela/ele que não é considerado ponto de referência no

centro de um círculo e esse ponto de referência é ocupado por aqueles que detêm todo o poder e privilégio na sociedade.

Kilomba (2019) acredita que essa discussão de ser “diferente” é o primeiro ato de racismo, pois dizer que alguém é “diferente” é legitimar a si mesmo como detentor de poder e o privilégio de se considerar a normalidade e a norma; essa normalidade representa a condição humana e tudo que não é normal é desconsiderado.

Além disso, após o indivíduo ser considerado “diferente”, os estigmas sociais o cercam e determinam qual sua posição na sociedade. Por isso, Kilomba (2019) discorre que “tais valores hierárquicos implicam um processo de naturalização, pois são aplicados a todos os membros do mesmo grupo que chegam a ser vistas/os como ‘a/o problemática/o’, ‘a/o difícil’ [...]” (KILOMBA, 2019, p.76). Dessa maneira, esse processo de hierarquização define os grupos considerados “normais” (que seguem a norma) e os grupos “diferentes” (considerados problemáticos e não pertencentes). E é nesse momento da hierarquização dos grupos, juntamente com construção das diferenças, que o preconceito é engendrado.

Neste contexto, o racismo é teorizado e explicitado por Kilomba (2019), através de suas estruturas de funcionamento na sociedade. A autora ainda traz exemplos do racismo cotidiano e que, muitas vezes, são despercebidas ou ignoradas pelas pessoas. O cabelo é principal instrumento sofrido repressão e preconceito uma vez que constantemente mulheres negras são questionadas sobre como cuidam dos seus cabelos e se os lavam. Perguntas como essas que são inteiramente relacionadas às diferenciações determinadas pela branquitude e principalmente associadas à ideia de selvageria e sujeira. Nesse sentido, Kilomba (2019) elucida:

[a] preocupação das pessoas *brancas* com a higiene da mulher *negra* revela, por um lado, o desejo *branco* de controlar o corpo *negro*; e, por outro lado, o medo *branco* de ser sujado por aquele corpo. “Como você se lava” e “quão limpa/o você é” são as perguntas traduzidas e indicam como a presença do *sujeito negro* desencadeia desejo e medo (KILOMBA, 2019, p. 125).

Sendo assim, as inquietações quanto ao cabelo e a higiene da mulher negra demonstram a necessidade de querer controlar o corpo negro e o comportamento dessas mulheres. Além disso, as atitudes revelam o colonialismo velado em perguntas “como você lava seu cabelo?” ou “como você se lava?”. Os questionamentos acerca da higiene da mulher negra sugerem o quanto à sociedade branca, em sua maioria, repugna a negritude e seus traços.

Por isso, Kilomba (2019) fala do “poder”, esse aspecto do racismo executa as “diferenças” e a hierarquização na sociedade. O poder mantém o privilégio branco e valida a

“supremacia branca”. Kilomba (2019) reflete o poder como “histórico, político, social e econômico. É combinação do poder e do preconceito que forma o racismo” (KILOMBA, 2019, p. 76). Assim, todas as relações de poder continuam a tornar o racismo credível e a perpetuação de discursos, de imagens, de palavras vira um círculo de narrativas que negam a história e que legitimam a ilogicidade do racismo.

Compreender estas relações de poder é pensar também em quem pode falar e quem não está autorizado a falar. Por isso, Paul Gilroy⁴ citado por Kilomba (2019) afirma que o sujeito branco precisa reconhecer sua branquidade, seus privilégios e a sua reprodução do racismo, e ser capaz de ouvir aquelas/es que são silenciados pela ideia do “não pertencer”. Além disso, Gilroy também citado por Kilomba (2019) fala de cinco mecanismos do racismo na seguinte ordem: negação culpa, vergonha, reconhecimento, reparação. Kilomba (2019) vai apresentar a “negação”, como “recusa em reconhecer a verdade [...] o *sujeito* nega que ela/ele tenha tais sentimentos, pensamentos ou experiências, mas continua a afirmar que ‘*outra*’ pessoas os tem” (KILOMBA, 2019, p. 43).

Dessa maneira, a “negação” funciona como uma dupla realidade em que a parte ruim é associada a /ao “outra/o” e os aspectos positivos e aceitos pela sociedade é associado a/ao “eu” do sujeito branco. Todos esses aspectos que a sociedade branca não quer associar a si própria, acaba projetando nos chamados “outras/os”. Logo, a negação por Kilomba (2019) “é a recusa em reconhecer a verdade” (KILOMBA, 2019, p. 43).

Ainda sobre a culpa que é mais um mecanismo Gilroy citado por Kilomba (2019) “a culpa é vivenciada em relação a um ato já cometido, ou seja, o racismo já aconteceu, criando um estado emocional de culpabilidade” (KILOMBA, 2019, p. 44). Após a *culpa* a pessoa age conforme duas situações, ou de racionalização/intelectualização/, isto é, quando o sujeito branco tenta elaborar uma justificativa lógica para o ato. É durante a culpa que o sujeito branco utiliza de argumentos racionais e emocionais para falar de raça e justificar seus atos.

A “vergonha” também é mecanismo que acontece quando o indivíduo não consegue atingir o ideal estabelecido por si próprio. Assim, a “vergonha” está relacionada à percepção no sentido de promover questionamentos sobre si próprio. Esse aspecto obriga à percepção de si a partir da visão de “outras/os” e quando isso ocorre há divergências sobre como o sujeito branco se percebe e da percepção da “outra/o” sobre você. Assim, o sujeito branco identifica

⁴ É um historiador, escritor e acadêmico britânico, que é o diretor fundador do Centro para o Estudo de Raça e Racismo Sarah Parker Remond da University College London.

que a visão das pessoas negras sobre a branquitude diverge da sua, posto que a branquitude é sinônimo de privilégio e privilégio é poder.

Ao passar pelo processo de vergonha, o sujeito branco pode se permitir a chegar ao reconhecimento da sua própria branquitude e racismo, de acordo com Kilomba (2019) “o indivíduo finalmente reconhece a realidade de seu racismo ao aceitar a percepção e a realidade de ‘Outras/os’. [...] reconhecimento é, nesse sentido, a passagem da fantasia para a realidade” (KILOMBA, 2019, p. 46). Essa passagem da fantasia para realidade pauta-se em como o sujeito é de fato, como realmente é, e não mais se centra na forma como as pessoas o veem ou em como gostaria de ser visto.

Passado o processo de “reconhecimento”, chega-se ao nível de negociar esse “reconhecimento” por meio do da “reparação”. Kilomba (2019) aponta que a negociação da realidade no sentido de consertar as malezas geradas pelo racismo “através das mudanças de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios” (KILOMBA, 2019, p. 46). Quando Kilomba (2019) fala em abandonar todos os privilégios é perceptível que o privilégio é resultado do racismo, pois só é possível ter privilégios se outras pessoas são excluídas dos diferentes espaços.

Kilomba (2019) articula teoricamente os cinco mecanismos de Gilroy e os comprovam vinculando o racismo a um processo psicológico, desfazendo a ideia de o racismo ser tão somente uma questão moral. Kilomba (2019) ainda aponta que se questionar racista não é a pergunta mais viável, visto que a sociedade ainda vive estruturas coloniais e que inconscientemente muitas pessoas fazem atos racistas; assim, a indagação a ser feita é: “Como eu posso dismantelar meu próprio racismo?” (KILOMBA, 2019, p.46), e ao iniciar o questionamento logo se inicia o processo de desconstrução.

4 UMA LEITURA CRÍTICO-ANALÍTICA DAS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE “UM CORPO NEGRO”, DE LUBI PRATES E O PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”

Neste capítulo, far-se-á uma proposta de relacionar a obra poética “Um corpo negro” (2019), de Prates e o Projeto “Negra flor de girassol”, a partir da ideia do corpo da mulher negra. Lançado em 2018, o livro “Um corpo negro”, de Prates, apresenta questões de racismo, identidade, de lugar de fala e de construir-se negra/o no Brasil. Já o Projeto “Negra flor de girassol” foi elaborado em 2016 (segue ativo até o momento presente), em uma escola da rede pública estadual de Araguaína-TO, e tem como idealizadora, a professora Zilma Gabino. Ressalta-se que mesmo durante a pandemia COVID-19, o projeto segue com as suas ações.

A partir da análise do livro e do projeto, pode-se levantar uma questão: Quais são as possíveis relações de um “Um corpo negro” e o Projeto “Negra flor de girassol”? Dentre as possíveis relações propostas, neste trabalho, destacamos as seguintes questões, a saber: (i) o tornar-se negro; (ii) o fortalecimento da identidade étnico-racial; (iii) a cor da pele como lugar de fala; (iv) o reconhecimento e a valorização dos traços negros; (v) a desconstrução dos parâmetros de beleza presentes na sociedade. A seguir far-se-á comentários de cada Item.

A primeira questão, Item (i) o “tornar-se negro”, Prates (2019) é apresentado tanto na obra poética de Prates como no projeto “Negra flor de girassol” (2016). Livro e projeto tocam na questão de como construir-se negro diante de tanto embranquecimento social, de tanta exclusão da história e das vivências do povo negro.

A apresentação do livro, Prates (2019) chama a atenção do(a) leitor(a), de como se sentia, desde a sua infância quando era “colocada” como “diferente” e que não compreendia o porquê “[...] durante a infância, eu pensava que a diferença entre as outras crianças e eu era por eu ser pobre. sempre, sempre, na minha cabeça ingênua de criança, de adolescente, de adulta, havia outro motivo para diferença, não poderia ser minha raça” (PRATES, 2019, p. 11). Esse sentimento de “diferença” colocado por Prates (2019) remete a construção do racismo cotidiano. Por isso, Kilomba (2019) relata que “a pessoa é vista como ‘diferente’ devido a sua origem racial e /ou pertença religiosa. Aqui temos de perguntar: quem é ‘diferente’ de quem?” (2019, p. 75) defende uma retomando a ideia de quem é diferente de quem; uma vez que, só se torna diferente aquela/ele que foge a “norma” ou que não se encaixa no que é considerado ponto de referência.

O processo de tornar-se negro está intimamente relacionado a aceitação de si como pessoa negra, ao reconhecimento das raízes afro e a desconstrução dos estereótipos de beleza da sociedade branca. O projeto “Negra flor de girassol” (2016, vigente até o presente

momento) apresenta em seus objetivos específicos a importância de a aluna e o aluno aceitar-se como um corpo negro, se despidendo do embranquecimento sustentado como forma de aceitação. A seguir, veja-se como os objetivos específicos são descritos no referido projeto:

- Desconstruir os parâmetros de beleza existentes na nossa sociedade;
- Reconhecer em si e valorizar os traços afrodescendentes;
- Levar os alunos do referido público e demais alunos da Unidade Escolar a valorizar os fenótipos característicos de afrodescendência (PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”, 2016, [s/p]).

Nesse contexto, o projeto enfatiza a desconstrução da ideia de beleza embranquecida na sociedade, o reconhecimento dos traços afrodescendentes, a valorização dos fenótipos negros na escola. Por isso, a importância do projeto em questão ser desenvolvido na escola, pois ele se torna um instrumento potente para se combater o racismo. O projeto “Negra flor de girassol” tem como meta inicial a mudança e a aceitação da pessoa negra, e, posteriormente, o intuito do fortalecimento coletivo por meio do “empoderamento” (no sentido que propõe Berth, 2019) do corpo negro.

Além disso, há a necessidade de fazer seu público alvo “Alunos e Egressos afrodescendentes tanto do sexo feminino, quanto do sexo masculino de todos os Níveis de Ensino (PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL, 2016, [s/p]”), reconhecer a beleza dos traços negros, bem como o de valorizar a cultura de seus ancestrais. Não apenas valorizar e reconhecer, mas “despertar” a consciências das/dos demais estudantes da Unidade Escolar (UE) a valorizar o outro respeitando sua cor e seus traços. Percebe-se também que o autoamor é um dos principais pontos do projeto “Negra flor de girassol”, para enfrentar o racismo no ambiente escolar. Esse reconhecimento é o que nos levar ao Item (ii) acerca do fortalecimento da identidade étnico-racial.

O Empoderamento pode ser discutido nas questões estéticas da negritude e pode ser considerado um mecanismo de força política e de valorização das comunidades negras, de fortalecimento da identidade étnico-racial. A questão da estética e da beleza é inerente à imagem e aos modelos/padrões/estereótipos criados, principalmente, pela sociedade branca podendo afetar de maneira nefasta a autoestima dos corpos negros, desmotivando ainda as comunidades mais periféricas e/ou oprimidas, onde os corpos negros são mais colocados em exclusões sociais.

Neste sentido, a afetividade desenvolvida por si próprio na busca e luta da aceitação da beleza negra é um ato político. O ato de se autoamar é um movimento contrário das diversas investidas do racismo ideológico e estrutural. A respeito da autoimagem, Berth (2019) afirma que essa “é uma ferramenta importante de reconhecimento de valores ancestrais ou de

reafirmção de necessidade de aprofundamento na busca pelo autoconhecimento de nossa história e entendimento de nossa condição social e indivíduo negro” (BERTH, 2019, p. 129). Logo, para a comunidade negra, se conhecer é reconhecer suas raízes e permanecer na luta a partir do conhecimento de sua posição social.

Seguindo nessa linha, a apresentação do projeto “Negra flor de girassol” destaca que a inspiração do mesmo surgiu a partir das experiências negativas escolares da professora idealizadora, Zilma Gabino, a docente que faz parte do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola sede do referido projeto, por isso, Gabino relata a importância de a escola ser um ambiente de emancipação:

A escola deve ser o lugar de emancipação do indivíduo, lugar de descobertas e de encantamento a cada saber construído. Infelizmente nem todos tem a mesma experiência no ambiente escolar. Inspirado nas vivências escolares negativas da autora devido o racismo sofrido e sua interferência na aprendizagem da mesma, o presente projeto é realizado no Colégio...desde o ano de 2016 com várias ações que objetivam combater o racismo no ambiente escolar por meio do fortalecimento da identidade étnico racial e assim tornar os alunos do público alvo mais fortalecidos, capazes de realizar sua própria defesa ,não permitindo que isso interfira na sua aprendizagem (PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”, 2016, [s/p], grifos meus).

A partir das vivências da professora Gabino e das percepções de que a escola tem de ser um ambiente que emancipa o indivíduo o projeto em questão surgiu. É explícito o racismo sofrido pela professora nas suas vivências escolares e como isso pode ter prejudicado seu processo de aprendizagem e de ensino, e, ainda, sua aceitação em ser uma mulher negra. Neste contexto, tanto a apresentação do projeto “Negra flor de girassol”, como o livro de Prates expõem algumas vivências negativas sofridas pela pessoa negra, principalmente, em virtude de sua cor da pele.

A cor da pele e o corpo negro como um todo é o foco central do prefácio do livro de Prates, que é mais uma questão - Item (iii) a ser discutida: a cor da pele como lugar de fala. O prefácio do livro de Prates escrito pela professora e poeta Lívia Natália intitulado “O corpo negro como lugar de fala” apresenta a ideia de que há um coletivo que compartilha vivências e sofrimentos dos corpos negros:

as histórias ali representadas são coletivas e atravessam cada pessoa negra com intensidades, tempos e consequências diferentes – mas sempre nos informando, pela dor, a cor que carregamos na pele. Depois, porque o racismo estruturante deste país responsabiliza-se por nos garantir doses diárias de atualização do nosso lugar racial. A violência racial não cessou com a abolição e, os navios negreiros se reeditam nas prisões, nas viaturas, nos elevadores de serviço. Não falamos de um eterno retorno, falamos da cotidianização do sofrimento (PRATES, 2019, p. 14).

Sendo assim, a prefaciadora deixa explicitado de que é a cor da pele o que une as pessoas negras em seus diferentes tempos, espaços e intensidades afetivas diferentes. Assim como as máscaras que eram usadas para silenciar e controlar a fala dos negros, Natália em seu prefácio afirma que a violência não acabou com a abolição da escravidão, antes disso essa vem se atualizando conforme o mundo se desenvolve. A constante atualização da imagem da mulher negra como selvagem e suja.

Em seus poemas, Prates (2019) coloca o corpo negro como uma questão central, no qual o próprio corpo é enunciador de suas próprias falas por meio de seus segmentos: boca, olhos, cabelo: “meu corpo é /meu lugar/de fala/e eu falo/com meus cabelos e/meus olhos e/meu nariz /meu corpo é/meu lugar/de fala/e eu falo/com minha raça” (PRATES, 2019, p. 63). Ao associarmos o conceito de “lugar de fala” Ribeiro (2019), que é o lugar social que cada pessoa ocupa, é possível perceber que em sociedade predominantemente patriarcal, branca e dotada de um racismo estrutural, em que o discurso do homem branco é tido como norma e os “outros” discursos são marginalizados o lugar de fala do corpo negro pode ser marginalizado. Prates (2019) ao abordar o corpo negro, como lugar de fala, elabora o corpo com todos seus traços e fenótipos afros, no sentido de (re)existência, o corpo se torna poder na busca pelo seu lugar de fala nas estruturas sociais.

Também Eliane Testa e Edileuza Araújo em um artigo intitulado “A presença de textos de autoras negras no livro didático de Língua Portuguesa” (2019) expõem que a luta da mulher negra incide fortemente ainda na conquista do seu lugar de fala na educação e na sociedade. A seguir, veja-se o que asseveram as autoras:

historicamente, a mulher negra, desde o período escravocrata, tem nos apresentado suas histórias de resistências [...] e revelam a sua força, ao longo da história. Porém, sabemos que a sua luta ainda é grande e voltada para conquistas, por ocupar mais espaços dentro da sociedade brasileira” (TESTA; ARAÚJO, 2019, p.89).

Nesse sentido, a luta pauta-se no “lugar de fala” (Ribeiro 2019), na busca em romper o impedimento de ocupar lugares sociais, que o regime estruturante racista da sociedade brasileira apresenta. Ainda no artigo de Testa Araújo (2019), a invisibilidade das produções intelectuais da comunidade negra, principalmente, as das mulheres, é mais uma forma (ou tentativa) de manter as pessoas negras no lugar de inferioridade. Por isso, é importante a presença de mulheres negras na luta do feminismo negro, uma vez que o feminismo foi regido por mulheres brancas em suas origens. Sendo assim, é necessário ressignificar a luta e o empoderamento a partir das perspectivas do feminismo negro e olhar a partir das diferentes dimensões e experiências que dele emerge.

Abaixo vê-se o poema “bem-vindo a este mapa”, Prates (2019):

bem-vindo a este mapa
de um território sem fronteiras.

bem-vindo a este mapa
de um continente
que se ergue
em corpos negros.

bem-vindo a este mapa:

onde há um conflito ardendo
em linhas
riscadas nas minhas costas.

onde há idiomas diversos
esquecidos na memória
da minha garganta.

bem-vindo a este mapa
de um continente
que se ergue
em corpos negros.

bem-vindo a este mapa:

onde há uma espada
pronta para ferir
em minha mão.

onde há uma corrente
desfazendo-se nos meus pés
enquanto planejo fugas.

bem-vindo a este mapa
de um continente
que se ergue
em corpos negros.

bem-vindo a este mapa
de um território sem fronteiras.

bem-vindo a este mapa:

onde guardo
no meu ventre
uma revolução

(PRATES, 2019, p. 57-58).

Neste poema, podemos ver o corpo negro que fez parte de todo um processo histórico que é exiliado, desrespeitado em sua memória, não assimilado em territórios como parte deste “mapa” que o exclui e o espezinha na carne, no corpo, as tantas violências sofridas pelos corpos negros. Mas, o sujeito poético afirma que ainda guarda em seu ventre uma revolução,

apesar de todos os horrores ainda há esperanças de frutificar no ventre (local de criação da mulher) há esperança.

Ademais, “tudo aqui é um exílio”, mais um poema de Prates (2019) sobre um país que rejeita os corpos negros:

tudo aqui é um exílio

apesar do sol
das palmeiras
dos sabiás,

tudo aqui é
um exílio.

tudo aqui é
um exílio,

apesar dos rostos
quase todos negros
dos corpos
quase todos negros
semelhantes ao meu.

tudo aqui é
um exílio,

embora eu confunda
a partida e a chegada,

embora chegar
apague
as ondas que o navio
forçou no mar

embora chegar
não impeça
que meus olhos
sejam África,

tudo aqui é
um exílio.

(PRATES, 2019, p. 31-32)

Neste poema, Prates (2019) faz alusão ao poema de Gonçalves Dias (1823-1864)⁵ intitulado “Canção do exílio” (anexo B). Diferente de Dias (1823-1864) que expressa o nacionalismo e exalta as belezas naturais, Prates (2019) como mulher negra mostra sua visão do país em que mora como exílio. Nesse sentido, o sujeito poético alega que tudo no seu país

⁵ Foi um poeta da primeira fase do Romantismo no Brasil, o poema Canção de exílio do autor foi criado em julho de 1843 enquanto o poeta estava na Universidade de Coimbra, longe do Brasil.

de morada é exílio, mesmo mais da metade da população tendo corpos negros, traços e fenótipos negros, tudo ali continua sendo exílio pela repulsa e exclusão dos seus corpos negros.

Constantemente Prates (2019), afirma em seus poemas, que este país foi erguido pelos corpos negros e que este fato é apagado no processo histórico. Além disso, a poeta traz um conjunto de traços da negritude em seus poemas, os olhos, o cabelo, os pés, a cor da pele etc. Ademais, enfatiza o fato do seu país ser formado por grande parte pela população negra e que isso não anula o silenciamento dessa mesma população.

Sendo assim, os corpos negros sofrendo com racismos cotidianos na esfera social, na escola não seria diferente e é na escola que há um ambiente de construção da identidade e da formação do cidadão. Por isso, O projeto “Negra flor de girassol” (2016) enfatiza na sua justificativa a importância de a escola em ser um ambiente respeitoso e acolhedor:

Acreditamos que um dos pontos primordiais para mudar tal realidade, é a Educação e a promoção de uma escola respeitosa e feliz, onde todos possam ser quem de fato são, tendo seus traços físicos e culturais valorizados, livres de quaisquer tipos de discriminação, onde a aprendizagem flua sem barreiras emocionais. Por reconhecermos a importância da autoestima elevada e do conhecimento como arma poderosa de combate ao racismo, seja ele velado ou explícito, sendo a escola o espaço formal de educação onde as “brincadeiras” racistas minam a auto estima do público acima citado, propomos então este projeto para fortalecer a identidade de meninas e meninos afrodescendentes e melhorar sua aprendizagem como forma de ascensão educacional, social e econômica (PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”, 2019, [s/p]).

Dessa maneira, o ambiente educacional pode contribuir com a autoestima e o autoamor dos corpos negros, bem como na valorização da identidade e da pluralidade de corpos. Sendo assim, exaltar a beleza do corpo negro torna-se uma arma poderosa na luta contra a desvalorização dos traços afro-descendentes. Não só exaltar, mas (re)conhecer os elementos da cultura africana presente na nossa sociedade.

Desse modo, chega-se no Item (iv), que é o reconhecimento da cultura afro e a valorização dos traços negros. Este item quatro diz dos caminhos possíveis para se romper com determinados estereótipos em vias de incorporação do conceito de empoderamento colocado em prática, mas, para isso se efetivar as mulheres negras “necessitam de um árduo trabalho de resignificação para libertar mulheres negras dessas estratégias de desqualificação da estética negra” (BERTH, 2019, p. 116). Por isso, o ato de resignificação está intimamente ligado ao movimento de valorização da ancestralidade africana, da herança nos traços fenótipos da beleza negra.

Vê-se que esta é uma discussão complexa e urge pensar o empoderamento não só como conceito, mas também sua aplicabilidade por meio de caminhos emancipatórios dentro do sistema de dominação. A aplicabilidade deve ser ressignificada e/ou reconstruída, Berth (2019) defende que “pensar no sentido de autoestima, da ascensão econômica, acesso à cultura e informação, formação de lideranças, entre outras práticas” (BERTH, 2019, p. 108) é um modo de reverter este terrível quadro do racismo estrutural e da não ocupação do lugar de fala.

À visto disto, mediante a Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares do ensino fundamental até o ensino médio, ainda se vê que predomina uma ausência de leituras de escritoras negras brasileiras na sala de aula. Levando em consideração este fato, a professora idealizadora do projeto “Negra flor de girassol” (2016) aponta em um dos objetivos específicos a necessidade das (os) alunas (os) terem contato com escritoras e escritores negros: “- Incentivar o apreço a escritores e produtores intelectuais negros por meio de livros, filmes, ou qualquer outra expressão artística com protagonismo de negros” (PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”, 2019, [s/p]). Esse processo de ressignificação da posição de mulheres e homens negros na estrutura social nos livros, filmes, séries, etc., busca romper com a contínua atualização da mulher e homem negro em papéis e funções subalternas.

A carência de temáticas acerca da diversidade racial nas escolas e currículos ocasiona na necessidade da realização de projetos que venham a abordar tais questões. Neste sentido, o objetivo geral do projeto prevê o combate ao racismo tornando as alunas e os alunos participantes do projeto, como seres ativos no combate ao racismo: “Combater o racismo no ambiente escolar, por meio do fortalecimento da identidade étnico racial e autoestima desse público, para que sejam protagonistas no enfrentamento deste tratamento tão nocivo para a emancipação do indivíduo” (PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL, 2016, [s/p]).

Já o Item (v) diz respeito a desconstrução dos parâmetros de beleza presentes na sociedade e se relaciona a desconstrução dos parâmetros de beleza definidos pela sociedade branca e patriarcal. Volta-se novamente à Prates (2019) que em um dos vários poemas atesta como a mulher negra é marginalizada, principalmente, por não se encaixar aos estereótipos brancos considerados belos. A seguir, leia-se o poema “ser mulher é uma bênção”:

ser mulher é uma bênção
 ser mulher é poder gerar & poder parir
 ser mulher é ter buceta, dois seios, uma bunda grande

ser mulher é
 ser loira, olhos claros, nunca descabelar-se

é ter sangue escorrendo entre as pernas & não
deixar que percebam mesmo que

você corra
você nade
você dance

ser mulher é uma bênção
e desde a Bíblia é ser apedrejada queimada morta
uma contradição

eu descobri agora que
não sou mulher

estou viva
nunca queimada
nunca apedrejada

eu descobri agora que
não sou mulher

sou negra, sou apenas uma negra

e o sangue que vem do meu ventre
permito que seja rio
que volte pra terra e

corro
nado
danço

descabelo-me

eu descobri agora que
não sou mulher

eu tenho pinto
apenas um seio
quadril estreito

nunca pari

eu descobri agora que
não sou mulher

ser mulher é uma bênção

(PRATES, 2019, p. 73-74).

O poema de Prates (2019) traz uma crítica como as mulheres são “construídas” por meio de estereótipos do corpo feminino e da sociedade. A poeta ainda salienta a diferença entre a branquitude que pode “ser-mulher”, como seu corpo branco, e ao corpo de mulher negra é vedado este direito de “ser”, pois ela fica na situação de invisibilidade. Este poema não apenas sobre o que é ser mulher, mas ser uma mulher negra diante de rótulos impostos pela sociedade racista. No último verso “ser mulher é uma bênção”, a poeta manifesta a ideia

de um não-pertencimento desse gênero, já que não compartilha das “bençãos” (das benesses) de ser mulher.

Berth (2019) a partir de suas reflexões de empoderamento vai falar dos saberes que as pessoas negras estão confrontando e das distorções que lhes foram impostas durante anos do que é belo. Sendo assim, a autoestima das mulheres negras (dos homens também) é tão importante no processo de empoderamento quanto saber discernir seu conceito. No entanto, Berth (2019) defende que a autoestima não está ligada exatamente ao conceito habitual de beleza estética a qual constantemente é relacionado. Por isso, Berth (2019) se aprofunda na questão do belo ao dizer que a autoestima e a autoimagem podem ser restauradas a partir do conhecimento e do resgate de suas raízes. A seguir, veja-se o que defende Berth (2019):

peças negras, que estudam e refletem para atuar na esfera de formação de saberes, começam a se confrontar com as distorções em todos os níveis que foram largamente alimentadas. Porém, não à custa de um mergulho profundo em si mesmo, mas na busca interior por suas raízes culturais, emocionais, artísticas, afetivas, etc. Um resgate, é exatamente essa a palavra. Um resgate lento e gradual daquilo que fomos e que podemos retomar para continuar sendo (BERTH, 2019, p. 114).

Dessa maneira, a autora afirma que o processo de autoestima pode ser lento e gradual, e pode ser acontecer a partir do que a autora chama de “resgate às raízes culturais”, como um modo de (re)afirmar o caminho da libertação e da aceitação do que se é. Por exemplo, o cabelo, como afirma Berth (2019) é um importante “elemento estético de autoafirmação”, e defende que desde muito cedo as mulheres negras carregam o peso de sofrer reprovação e demonstrações de racismo por causa dos seus cabelos crespos.

É neste lugar também que o Projeto “Negra flor de girassol” (2016) visa um de seus mais importantes focos, que é o reconhecimento da cultura afro e a valorização da negritude. Destaca-se que ao longo da “Semana da Consciência Negra” ocorre na escola a culminação do referido projeto. Nesta semana são realizadas atividades e um desfile chamado de desfile “Beleza Negra”, com as alunas e os alunos participantes do projeto em questão. A seguir cita-se um trecho do projeto:

Durante a Semana da Consciência Negra, realizamos o nosso tradicional Ensaio Fotográfico profissional, filmes, palestras, produção de poesias, visita a Comunidade Quilombola, estudo de literatura alusiva ao tema, exposição de gráficos que mostram os números da desigualdade racial e culminamos com desfile Beleza Negra (PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”, 2016, [s/p]).

Assim, a realização das atividades, principalmente, a do desfile da “Beleza Negra” são resultados de uma prática continuada de empoderamento no desenvolvimento do projeto “Negra flor de girassol”. Mas, o projeto é um trabalho contínuo e tem direcionamentos sólidos para que alunas e alunos possam se reconhecer cotidianamente como pessoas empoderadas.

Berth (2019) comenta em seu livro que Solomon ⁶ é uma das primeiras pensadoras a praticar o empoderamento como uma prática social. Deste modo, o empoderamento vincula-se à emancipação social e intelectual, por isso, alunas e alunos participantes do projeto “Negra flor de girassol”, podem garantir o empoderamento e a emancipação social, a luta contra as opressões e o racismo não só no ambiente escolar, mas também fora dele.

Estes aspectos dos resquícios do colonialismo e do racismo levam as mulheres negras a buscar “soluções” de aceitação na sociedade, a exemplo do alisamento dos cabelos-afros. A necessidade de se embranquecer e tecer traços de branquitude, segundo Kilomba (2019), é a busca por aceitação e uma tentativa de escapar às humilhações em virtude dos traços afros, segundo Kilomba (2019) “esse processo de ter de fabricar sinais de branquitude, tais como cabelos alisados, e encontrar padrões *brancos* de beleza, a fim de evitar humilhações públicas é bastante violento” (KILOMBA, 2019, p. 128).

Em parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de Química, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), a escola sede do projeto realiza o “Festival de Hidratação Capilar”:

Festival de Hidratação Capilar (durante o ano de 2020 devido a pandemia os kits com produtos para os cabelos foram entregues junto com os roteiros escolares) consultas com médico especialistas por meio de parcerias, distribuição de cestas básicas (PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”, 2016, [s/p]).

Sendo assim, a realização do “Festival de Hidratação Capilar” tem como proposta a orientação e o incentivo das alunas a cuidarem do seu cabelo de forma que preserve sua identidade e valorize seus traços afros. Durante a pandemia - COVID-19 foi realizada a entrega de *kits* de produtos para cabelos para as alunas continuarem os cuidados em casa. A iniciativa configura-se como forma de romper com os alisamentos dos cabelos das meninas, que são feitos numa tentativa (inconsciente ou não) de se encaixar na sociedade e não serem vistas como “diferentes”, e, mesmo com os procedimentos químicos, os preconceitos raciais ainda são presentes devido aos estereótipos já rotulados pela supremacia branca.

Percebe-se que a prática das atividades do projeto “Negra flor de girassol” (2016) tem grande peso na luta contra uma educação colonizada do pensamento, racista e machista na escola. Compreender a importância de se ler escritoras negras na escola é refletir sobre a

⁶ Foi a primeiro membro afro-americano do corpo docente da University of Southern California a ser nomeada professora titular. Solomon também foi a única supervisora afro-americana de trabalho de campo no Veterans Administration Hospital, em Houston, Texas; hoje a professora é aposentada e vive na Califórnia.

heterogeneidade social e suas origens, aprendendo a respeitar os diferentes mundos e inteirar-se sobre “o lugar social que as mulheres negras ocupam” (RIBEIRO, 2017, p.55). Dessa forma, ao abordar a cultura e a literatura negro-brasileira na escola, ensina-se sobre nossas próprias origens, culturas e diversidades sociais. Nesse sentido, o projeto “Negra flor de girassol” (2016) viabiliza a possibilidade de desvincular a mulher negra (e homens negros) de estereótipos de uma educação valorizadamente “eurocristã” (branca e patriarcal).

Por isso, vê-se o corpo negro como lugar de fala no projeto “Negra flor de girassol” (2016 ativo até o momento presente) e no livro de poesia de Prates (2019), por isso, a autora afirma no “meu corpo é meu lugar de fala”:

meu corpo é
meu lugar
de fala

embora
a voz seja
apenas
um resto
arranhando a garganta

meu corpo é
meu lugar
de fala

e eu falo
com meus cabelos e
meus olhos e
meu nariz

meu corpo é
meu lugar
de fala

e eu falo
com minha raça.

(PRATES, 2019, p. 63)

No poema, vê-se o construir-se como um corpo negro, a negritude ocupando seu lugar social, e mesmo constantemente sofrendo formas de violências ainda é um corpo que resiste “meu corpo/ conta/ por si só/ histórias/ além de mim./ Muitas destas história são de resistência e de luta.

Prates (2019) em seus versos nos apresenta como o corpo negro ou os corpos das mulheres negras se sentem imigrantes dentro do seu próprio país, como é o caso do poema “Condição: imigrante” (aliás, já traduzido em diversas línguas), em que a poeta diz o seguinte: “um país que te rosna uma cidade que te rosna ruas que te rosnam: como um cão selvagem” (PRATES, 2019, p. 34). A constata violência e violação dos corpos negros pela

sociedade patriarcal só afirmam as palavras de Prates (2019) sobre um país que rosna incessantemente aos corpos negros, que rejeita a existência de quem, na verdade, é a base ancestral do país.

Nestas perspectivas de reafirmação de empoderamento, autoamor, auto-histórias, ancestralidades, tanto o projeto “Negra flor de girassol” (2016), desenvolvido pela professora Gabino, como o livro “Um corpo negro (2019), de Pratis, o corpo negro é um lugar coletivo de força da mulher e que se constrói como potência e afetos, mesmo diante das estruturas de racismo cotidiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecer o processo histórico da escravidão, como um processo de múltiplas violências, é também adentrar nos problemas sociais, como o racismo e a exclusão. O reconhecimento do corpo negro, a valorização dos traços negros faz parte da descolonização do pensamento, o poder e o cabelo ainda é um dos elementos de revolução para a cultura negra.

O presente trabalho pretende contribuir no processo de desconstrução dos estigmas que rodeiam o povo negro pela cor de sua pele que é colocado em situação de subalternização. Além disso, vemos que as vozes não podem ser silenciadas no espaço escolar por meio de seleções excludentes das leituras literárias. Indubitavelmente, tem-se um enfrentamento das “[...] barreiras institucionais que impedem o acesso de vozes dissonantes. Como expressar-se não é um direito garantido a todos e a todas, ainda há a necessidade de democratização das mídias e do rompimento de um monopólio [...]” (RIBEIRO, 2017, p. 87). Por isso, a escola deve democratizar o acesso à leitura de autoras negras brasileiras e ou valorizar em seus conteúdos disciplinares a “literatura negro-brasileira” (CUTI, 2010).

Pensar estratégias de valorização da negritude e o combate ao racismo no ambiente escolar como o faz o Projeto “Negra flor de girassol” (2016) é concretizar um empoderamento do corpo negro, por passar a dar meios e instrumentos intelectivos e afetivos ao processo de (re)existência de aluna(o)s negra(o)s. Percebe-se que por meio das relações que se conseguiu estabelecer entre o livro de Prates (2019) e o projeto *corpus* deste estudo, que tocam em questões de “um corpo negro” mediante o processo de compreensão do que é se tornar negra/negro em sociedades estruturalmente racistas, tanto o projeto como a obra implicar dar visibilidade ao protagonismo da produção intelectual e artística das mulheres negras.

Por fim, para concluir este trabalho, toma-se os seguintes versos de Prates (2019) “se eu pudesse resgatar/ aquela criança/ que fui/ com esta voz que tenho/ responderia: / eu não quero ser forte./ e é/ exatamente/ nisto que mora a força.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 36.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. Rio de Janeiro: Pólen, 2019.
- CUTI, Luis Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DIAS, Antônio Gonçalves. **Primeiros Cantos**. 1 ed., Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1998.
- DJAMILA, Ribeiro. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2017.
- _____. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ESCOLA ESTADUAL CAMPOS BRASIL. **Projeto: Negra flor de girassol**. Araguaína, [s./n.], 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Fac símile digitalizado (Manuscritos). São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- _____. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.
- PRATES, Lubi. **Um corpo negro**. 2 ed., São Paulo: Nosostros Editorial, 2019.
- PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia de Trabalho Científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- TESTA, Eliane Cristina; ARAUJO, Edileuza Batista de. A presença de textos de autoras negras no livro didático de Língua Portuguesa. In: **Revista Humanidades e Inovações**, v.6, n. 3, p. 88-101, 2019.

ANEXO A – ALGUNS POEMAS DO LIVRO “UM CORPO NEGRO”, DE LUBI PRATES

para este país

para este país
eu traria

os documentos que me tornam gente
os documentos que comprovam: eu existo
parece bobagem, mas aqui
eu ainda não tenho esta certeza: existo.

para este país
eu traria

meu diploma os livros que eu li
minha caixa de fotografias
meus aparelhos eletrônicos
minhas melhores calcinhas

para este país
eu traria
meu corpo

para este país
eu traria todas essas coisas
& mais, mas

não me permitiram malas
: o espaço era pequeno demais

aquele navio poderia afundar
aquele avião poderia partir-se

com o peso que tem uma vida.

para este país
eu trouxe

a cor da minha pele
meu cabelo crespo
meu idioma materno
minhas comidas preferidas
na memória da minha língua

para este país
eu trouxe

meus orixás
sobre a minha cabeça
toda minha árvore genealógica
antepassados, as raízes

para este país
eu trouxe todas essas coisas
& mais

: ninguém notou,
mas minha bagagem pesa tanto.

Ele não me viu com a roupa da escola, mãe?

Marcos Vinicius da Silva, 14 anos,
assassinado pela Polícia Militar do Rio de Janeiro

e ainda que
eu trouxesse

para este país

meus documentos
meu diploma
todos os livros que li
meus aparelhos eletrônicos ou
minhas melhores calcinhas

só veriam
meu corpo

um corpo
negro.

condição: imigrante

1.

desde que cheguei
um cão me segue

&

mesmo que haja quilómetros
mesmo que haja obstáculos

entre nós

sinto seu hálito quente
no meu pescoço.

desde que cheguei
um cão me segue

&

não me deixa
frequentar os lugares badalados

não me deixa
usar um dialeto diferente do que há aqui
guardei minhas gírias no fundo da mala
ele rosna.

desde que cheguei
um cão me segue

&

esse cão, eu apelidei de
imigração.

2.

um país que te rosna
uma cidade que te rosna
ruas que te rosnam:

como um cão selvagem

esqueça aquela ideia
infantil aquela lembrança
infantil

de sua mão afagando um cão
de sua mão afagando

seu próprio cão

ficou em outro país
ironicamente, porque a raiva lá
não é controlada

aqui, tampouco:

um país que te rosna
uma cidade que te rosna
ruas que te rosnam:

como um cão

: selvagem.

pele que habito

minha pele é meu quarto.
minha pele é todos os cômodos
onde me alimento onde deito finjo
o mínimo conforto.

minha pele é minha casa
com as paredes descobertas
uma falta de cuidado
: necessita sempre mais
para ser casa.

minha pele não é um estado
desgovernado.

minha pele é um país
embora distante demais para os meus braços
embora eu sequer caminhe sobre seu território
embora eu não domine sua linguagem.

minha pele não é casca
é um mapa: onde África ocupa
todos os espaços:
cabeça útero pés

onde os mares são feitos de
minhas lágrimas.

**minha pele é um mundo
que não é só meu.**

hasta aquí, hasta llegar a mí

você traz na boca
todo o gosto do mar
e eu tento adivinhar
inutilmente
quantos oceanos você atravessou
hasta aquí, hasta llegar a mí
quais oceanos você atravessou
hasta aquí, hasta llegar a mí
para guardar em si
tanta água, tanto sal
em cada gota de saliva.

você traz na pele
todos os tons da terra
e eu tento adivinhar
inutilmente
quantos continentes você percorreu
hasta aquí, hasta llegar a mí
quais continentes você percorreu
hasta aquí, hasta llegar a mí
para guardar em si
tanta cor e esse cheiro
que se acentua quando chove.

você diz reconhecer
o gosto de mar que trago na boca
os tons de terra que trago na pele
fácil perceber então que

atravessamos percorremos
os mesmos oceanos os mesmos continentes
hasta aquí

: somos filhos da África
e tudo que contamos através dos nossos corpos
fala sobre nós, mas no profundo da memória
guarda nossos ancestrais.

ANEXO B – “CANÇÃO DO EXÍLIO”, DE GONÇALVES DIAS

Canção do exílio

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln die Gold-Orangen glühen,
Kennst du es wohl? - Dahin, dahin!
Möcht ich... ziehn.
-- Goethe

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra – Julho, 1843

ANEXO C – PROJETO “NEGRA FLOR DE GIRASSOL”

Secretaria de Educação do Estado do Tocantins

Diretoria Regional de Ensino de Araguaína

Projeto: **Negra Flor de Girassol**

Autora : Maria Zilma Gabino

Araguaína /2021

Apresentação:

A escola deve ser o lugar de emancipação do indivíduo, lugar de descobertas e de encantamento a cada saber construído. Infelizmente, nem todos têm a mesma experiência no ambiente escolar. Inspirado nas vivências escolares negativas da autora devido ao racismo sofrido e sua interferência na aprendizagem da mesma, o presente projeto é realizado no Colégio Estadual... desde o ano de 2016 com várias ações que objetivam combater o racismo no ambiente escolar por meio do fortalecimento da identidade étnico racial e assim tornar os alunos do público alvo mais fortalecidos, capazes de realizar sua própria defesa, não permitindo que isso interfira na sua aprendizagem. A participação no projeto é livre, podendo participar alunos de todas as séries e egressos que já estão na universidade ou frequentando cursos profissionalizantes como forma de inspirar os demais a continuar a estudar, para assim transformar sua condição pessoal econômica e social. Como diz Paulo Freire “ Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade”. A culminância do projeto acontece na Semana da Consciência Negra.

Público-alvo:

Alunos afrodescendentes tanto do sexo feminino, quanto do sexo masculino, de todos os Níveis de Ensino.

Objetivo Geral:

Combater o racismo no ambiente escolar, por meio do fortalecimento da identidade étnico racial e autoestima desse público, para que sejam protagonistas no enfrentamento deste tratamento tão nocivo para a emancipação do indivíduo.

Objetivos específicos:

- Desconstruir os parâmetros de beleza existentes na nossa sociedade.
- Reconhecer em si e valorizar os traços afrodescendentes;
- Levar os alunos do referido público e demais alunos da Unidade Escolar a valorizar os fenótipos característicos de afro-descendência.
- Conhecer elementos da cultura africana enraizados nos nossos costumes;
- Incentivar o apreço a escritores e produtores intelectuais negros por meio de livros, filmes, ou qualquer outra expressão artística com protagonismo de negros.
- Monitorar, incentivar e premiar por meio de parcerias, alunos que se destaquem e se superem na aprendizagem comparados a eles mesmo.

Justificativa:

A escola é a instituição social onde estão presentes vários tipos de relação, construtivas ou destrutivas, capazes de contribuir para o sucesso do indivíduo, ou de prejudicar o seu desenvolvimento, tornando-o um ser apático e sem protagonismo. A Constituição Brasileira no seu artigo 5º garante o princípio da Igualdade a todos os cidadãos, sem distinção de qualquer natureza. Mas na prática não se percebe essa igualdade. De acordo com os dados do IBGE, segundo o professor Otair Fernandes, coordenador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, "mesmo após 130 anos de abolição, ainda é muito difícil para a população negra ascender economicamente no Brasil. A questão da escravidão é uma marca histórica. Sabemos que após a abolição o negro foi deixado a própria sorte e percorreu-se um longo caminho até chegar ao que temos hoje em termos políticas afirmativas".

Mesmo com o grande número de negros no Brasil (54,9% da população é afrodescendente- Fonte:IBGE 2017) ainda é minoria exercendo cargos elevados nas empresas, em papéis importantes na TV, em profissões com melhor remuneração, de modo geral. Percebemos a existência de "Quartos de Despejo" em vários setores. Na escola não pode existir. A educação é o meio pelo qual transformamos "Quartos de Despejos" em "Salas de Estar".

Acreditamos que um dos pontos primordiais para mudar tal realidade, é a Educação e a promoção de uma escola respeitosa e feliz, onde todos possam ser quem de fato são,tendo seus traços físicos e culturais valorizados, livres de quaisquer tipo de discriminação,onde a aprendizagem flua sem barreiras emocionais.

Por reconhecermos a importância da autoestima elevada e do conhecimento como arma poderosa de combate ao racismo, seja ele velado ou explícito,sendo a escola o espaço formal de educação onde as “brincadeiras” racistas minam a auto estima do público acima citado, propomos então este projeto para fortalecer a identidade de meninas e meninos afrodescendentes e melhorar sua aprendizagem como forma de ascensão educacional,social e econômica.

Metodologia:

Durante o ano letivo, seguimos orientando e incentivando as meninas a cuidar do cabelo por meio da parceria com o PIBID de Química da UFT/Colégio Estadual... através do Festival de Hidratação Capilar(durante o ano de 2020,devido a pandemia os kit's com produtos para os cabelos foram entregues junto com os roteiros escolares) ,consultas com médico especialistas por meio de parceria,distribuição de cestas básicas (sem fotos ,pois acreditamos que o indivíduo já se encontra bastante vulnerável e não precisa comprovar mais essa mazela sofrida), a defender-se do racismo, denunciando-o na orientação escolar, mostrando que temos uma frente de acolhimento ao aluno afrodescendente de modo específico.

Também monitoramos as notas de alunos, incentivando-os a melhorar a aprendizagem, sempre comparando-os a eles mesmos. Essa melhora é sempre motivada por conversas e premiação, com experiências ainda não vivenciadas como sessão de cinema e passeio em pontos turísticos da cidade. Durante a Semana da Consciência Negra, realizamos o nosso tradicional Ensaio Fotográfico profissional*, filmes*, palestras*, produção de poesias, visita a Comunidade Quilombola*, estudo de literatura alusiva ao tema, exposição de gráficos que mostram os números da desigualdade racial* e culminamos com desfile Beleza Negra*.

*ações realizadas/para serem realizadas fora do período da pandemia.

Avaliação

A avaliação ocorrerá de forma gradativa e contínua, através do monitoramento dos alunos envolvidos no projeto. Será observado o desenvolvimento escolar do aluno na unidade, assim como a autoaceitação das suas características.

Bibliografia

DE JESUS, C. M. Quarto de despejo - Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1992..

DANTAS,C.V.; MATTOS ,H. ABREU,M. O Negro no Brasil -Trajetórias e lutas em dez aulas de História.Rio de Janeiro:Objetiva,2012.

CAVALLEIRO,E. Org. Racismo e anti-racismo na escola- Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro.2001

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>

<https://www.geledes.org.br/>

Constituição Federal Brasileira

Anexos

Ficha de inscrição no desfile Negra flor



Colégio Estadual...

Projeto Negra Flor de Girassol

Nome completo: _____

Naturalidade: _____

Idade _____ ano que cursa : _____

Comida preferida _____

Sua música e cantor preferido _____

Um hooby _____

Um sonho _____

Uma frase _____

No futuro quer ser _____

Nome da aluna/aluno

Autorização do pai ou responsável